

Maílson, otimista com a redução da dívida.

O ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, disse ontem em Amsterdã que os bancos internacionais estão apresentando propostas de solução para a questão da dívida. Maílson está na Holanda participando da 30ª reunião anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), e se mostrou bastante otimista com relação à redução da dívida externa brasileira. Até o momento, o único dado negativo do encontro tem sido a discussão sobre o capital do BID, já que os Estados Unidos só concordam em aumentá-lo se os empréstimos do banco ficarem condicionados à aprovação do Banco Mundial (Bird) ou do Fundo Monetário Internacional (FMI).

"As propostas estão pululando", disse Maílson da Nóbrega à enviada especial **Márcia Glogowski**, ao citar o interesse dos bancos internacionais em resolver o problema da dívida. Alguns bancos chegaram a falar em prolongar por um período bastante longo — e com juros fixos — o pagamento da dívida, o que representa, segundo o ministro, um desconto implícito nos pagamentos.

Maílson também fez referência à rapidez com que tem mudado a atitude dos credores. "Em 88, pensava-se que a dívida levaria ainda 20 anos para ser resolvida. De lá para cá, mudou a percepção da velocidade exigida para isso." Demonstrações dessa mudança são as propostas do secretário americano do Tesouro, Nicholas Brady, e as sugestões feitas pelos banqueiros.

Segundo o ministro da Fazenda, as propostas de Brady demonstram que o Brasil acertou ao refazer o contrato com os bancos. "Mas não se pode sonhar muito", alertou ao comentar o Plano Brady, até porque ainda falta discutir quem daria as garantias, além de definir o papel dos japoneses. Por outro lado, a alta da inflação americana pode "jogar por terra" todos os esforços que o Brasil fez para renegociar a dívida.

Antes de falar à imprensa, Maílson fez uma palestra à comunidade financeira internacional, na qual resumiu a situação econômica brasileira e falou da liberalização do comércio exterior. O ministro mencionou também os acordos fir-



O mexicano Herzog, Ruding e Simonsen, no debate.

mados com os bancos e com o Clube de Paris e destacou os resultados dos programas de ajuste econômico. Segundo Maílson, os resultados do Plano Verão têm sido "muito bons".

Aumento de capital

Até ontem, não havia nenhum acordo para a aprovação do sétimo aumento de capital do BID. No sábado, estava praticamente decidido que os Estados Unidos tinham desistido de sua exigência de poder de veto a empréstimo do BID para aceitar o aumento do capital. Até aquele momento, os EUA tinham concordado com uma proposta apresentada pelos países latino-americanos, de reservar-se o direito de apenas odiar (em até um ano, conforme o caso) a discussão sobre um novo projeto.

Mas na noite de sábado as delegações latino-americanas ficaram sabendo que os Estados Unidos mudaram de idéia. Para concordar com o aumento do capital do BID, os EUA queriam que qualquer empréstimo do banco passasse pela aprovação do Banco Mundial e do FMI.

Os países latino-americanos deixaram claro que não aceitariam essa condição. Ontem era grande a agitação dos negociadores, que dis-

cutiam uma forma de convencer os Estados Unidos a abrir mão da exigência. O máximo que se conseguiu foi fazer com que os EUA mudassem a cláusula: os empréstimos poderiam ser aprovados por apenas uma das instituições, o Bird ou o FMI.

Sugestões iniciais

"Os países que quiserem participar de um programa de redução da dívida terão primeiro de desenvolver um conjunto de reformas com o FMI e o Banco Mundial", disse ontem os subsecretário americano do Tesouro, David Mulford, ao falar no seminário que discutiu a dívida externa em Amsterdã. Segundo Mulford, as propostas do secretário Nicholas Brady são apenas "sugestões iniciais", que devem ser discutidas em conjunto pelos países.

No debate sobre a dívida, o ministro das Finanças da Holanda, Onno Ruding, destacou a importância da boa vontade dos países industrializados para que se solucionasse o problema, mas lembrou as "responsabilidades dos países em desenvolvimento". Para ele, as políticas de ajuste econômico continuam a ser a base da solução da dívida. O debate contou com a participação do ex-ministro da Fazenda Mário Henrique Simonsen.